Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.978
ESTUDOS BÍBLICOS

Um Messias de guerra ou de paz?

As contradições e a polifonia em Miqueias 5,4-14 à luz da retórica e da teologia do livro

A Messiah of war or peace? Contradictions and polyphony in Micah 5,4-14 in the light of the book's rhetoric and theology

Fabrizio Zandonadi Catenassi* e Ildo Perondi**

* Doutor em Teologia e Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná). Docente na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Londrina, Brasil.
fabriziocatenassi@gmail.com

** Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Urbaniana). Docente no Programa de Pós-Graduação em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.
ildoper@gmail.com

Recebido em: 04/12/2022
Aprovado em: 27/05/2023

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Este artigo objetiva discutir o conteúdo teológico de Mq 5,4-14, um julgamento implacável de Deus e aparentemente contraditório, a partir do estudo da estrutura retórica do livro e da profecia em questão, bem como da análise teológica. Considerando o texto final como produto de uma redação escribal pós-exílica, refletimos sobre como essa profecia harmoniza as diferentes concepções teológicas de seu tempo – a proclamação de um Messias da paz e a defesa da violência refletida no aniquilamento implacável contra os inimigos. Não foram subtraídos da profecia de Mq 5,4-14 os conflitos de seu tempo. As opções estilísticas que configuram a estrutura retórica polifônica do texto representam as diferentes vozes que estão no interior do ser humano. Retratam uma sociedade dividida, saindo de um período de profunda crise cultural, política, econômica e religiosa. A Jerusalém em reconstrução está em busca de sua nova identidade nacional que construa um novo modelo de vida, e o caminho é a busca pela unidade. Sendo assim, há certa harmonia no arranjo final de Mq 5,4-14: a justiça divina extermina a falsa certeza do militarismo e pede uma estrutura religiosa ética; a paz não é a ausência da guerra, implica responsabilidade pessoal na construção de um novo mundo e a luta pela construção de novas relações.

Palavras-chave: Miquéias. Guerra. Paz. Polifonia. Messias.

Abstract

This article aims to discuss the theological content of Mq 5,4-14, an implacable judgment of God and apparently contradictory, from the study of the rhetorical structure of the book and of the prophecy in question, as well as from a theological analysis. Considering the final text as a product of a post-exilic scribal writing, we reflect on how this prophecy harmonizes the different theological conceptions of its time – the proclamation of a Messiah of peace and the defense of violence reflected in the relentless annihilation against enemies. The conflicts of his time were not subtracted from the prophecy of Mq 5,4-14. The stylistic options that

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

configure the rhetorical structure polyphonic of the text represent the different voices that are within human beings. They portray a divided society emerging from a period of deep cultural, political, economic and religious crisis. Jerusalem under reconstruction is in search of its new national identity that builds a new model of life, and the path is the search for unity. Therefore, there is a certain harmony in the final arrangement of Mq 5,4-14: divine justice exterminates the false certainty of militarism and calls for an ethical religious structure; peace is not the absence of war, it implies personal responsibility in building a new world and the struggle to build new relationships.

Keywords: Micah. War. Peace. Polyphony. Messiah.

1 Introdução

O conteúdo da pequena seção de Mq 5,4-14 é desconcertante. O texto dá seguimento à conhecida profecia messiânica sobre um governador enviado de Deus e vindo da pequena Belém (Mq 5,1-3), caracterizando sua ação. Em primeiro lugar, indica que ele será a paz (v. 4), mas ela é descrita com a arrasadora derrota da Assíria; então, anuncia-se a esperança para o resto de Jacó, no contexto da destruição dos inimigos (vv. 5-8); finalmente, é proclamado o aniquilamento de Sião e de suas práticas idolátricas como um sinal de vingança e ira divina. Como um oráculo povoado por imagens tão fortes de destruição pode ser entendido como um anúncio de salvação? Que tipo de paz acolhe a violência como método?

Uma primeira tentativa de caracterizar melhor os interesses subjacentes ao texto é feita pelos estudos da história da composição do livro, os quais buscam situar a profecia ao longo de um amplo processo de escrita que vai do séc. VII ao IV a.C. Há tentativas de atribui-la ao Miqueias histórico[1], mas a esperança de libertação e a linguagem escatológica dos caps. 4 e 5 comumente são remetidas a uma redação pós-exílica inicial (ZENGER, 2003, p. 511). Para os que estão totalmente convencidos de um trabalho redacional posterior a Miquéias, o texto de Mq 5,4-14 ainda é visto como heterogêneo: de forma geral, aceitam-se como textos do profeta os vv. 9-13 e alguns acrescentam o 14; há dúvida sobre os vv. 1-3, mas os vv. 4-5 geralmente são endereçados ao profeta; permanece a dúvida quanto aos vv. 6-8 (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DÍAZ, 1980, p. 1040; ZABATIERO, 1996, p. 106). Zabatiero indica que, "independentemente da interpretação semântica adotada, a datação destes versos é complicada, não havendo critérios definitivos para a mesma" (ZABATIERO, 1996, p. 104).

Pixley (2000) ressalta a influência dos interesses de escribas judaítas na edição de Miquéias no período persa, mas, quanto à seção de 5,9–6,7, sua posição é mais ampla. O autor reconhece ali uma postura menos rural que a do profeta histórico e mais crítico em relação ao culto que os últimos redatores do livro. Assim, aponta para a complexidade na

[1] Por outro lado, autores clássicos como Alonso Schökel e Sicre Díaz (1980, p. 1040) defendem que os dados apresentados nessa seção podem ser muito bem compreendidos tendo a época do Miquéias histórico como pano de fundo. Os pesquisadores exemplificam com a ameaça assíria presente em Mq 5,4-5: a substituição de Jerusalém por Belém como lugar de origem da salvação se entende muito bem na boca deste profeta, inimigo das injustiças típicas da capital; a salvação entendida como uma libertação nacionalista encaixa-se perfeitamente nos tempos da reforma político-religiosa de Ezequias. Dessa forma, os pesquisadores afirmam que seria muito mais fácil entender estes dois capítulos no século VII a.C. que em períodos posteriores.

composição da perícope e para a tendência de seus autores de serem inclusivos e de não desprezar o material que não reflete diretamente seus interesses (PIXLEY, 2000, p. 209).

À luz desse panorama, propomos um olhar cuidadoso sobre a forma final do texto de Mq 5,4-14 sem descurar de sua história da redação[2]. Considerando o texto final como produto de uma redação escribal pós-exílica, refletimos sobre a forma com que essa profecia harmoniza as diferentes concepções teológicas de seu tempo – a proclamação de um messias da paz e a defesa da violência refletida no aniquilamento implacável contra os inimigos. Nesse sentido, este artigo objetiva discutir o conteúdo teológico de Mq 5,4-14, um julgamento implacável de Deus e aparentemente contraditório, a partir do estudo da estrutura retórica do livro e da profecia em questão, bem como da análise teológica. Um olhar literário considerando o enraizamento histórico dessa profecia pode ajudar a esclarecer o arranjo final das ameaças e oráculos de castigo, descritos de maneira viva e contundente, com uma linguagem metafórica e um conjunto de símbolos que conferem a ela um caráter enigmático.

2 Tradução

Segue abaixo uma proposta de tradução do texto a partir do princípio da correspondência formal, discutindo brevemente algumas opções textuais no rodapé[3]:

v. 4 E será este paz! Quando a Assíria vier à nossa terra e quando pisar nossos solos[4], levantaremos contra ela sete pastores e oito príncipes dos homens.
v. 5 Apascentarão a terra da Assíria pela espada e a terra de Nimrod pelo seu punhal[5]. Ele nos salvará da Assíria quando ela vier à nossa terra e quando pisar nosso território.
v. 6 O resto de Jacó será, no meio de muitos povos, como orvalho de Yhwh, como um chuvisco sobre a erva, que não espera do homem e não põe a esperança em filhos dos homens.
v. 7 O resto de Jacó será, entre as nações, no meio de muitos povos, como um leão entre feras selvagens, como um filhote de leão entre um rebanho de ovelhas que, quando passa e pisa, despedaça e ninguém se salva.
v. 8 Que tua mão se levante contra teus adversários e que sejam aniquilados todos os teus inimigos!
v. 9 E acontecerá naquele dia, oráculo de Yhwh: aniquilarei teus cavalos do teu meio e destruirei teus carros.
v. 10 Aniquilarei as cidades da tua terra e derrubarei todas as tuas fortalezas.
v. 11 Aniquilarei as feitiçarias de tua mão e não haverá mais adivinhos para ti.
v. 12 Aniquilarei tuas imagens e teus monumentos de pedra do teu meio e não te prostrarás novamente diante das obras de tuas mãos.

[2] O presente artigo revisa e amplia o conteúdo trabalhado por Catenassi (2016, p. 112-135).
[3] Seguimos a quinta edição da Biblia Hebraica Stuttgartensia (1990).
[4] O texto é corrigido a partir do *textus Graecus originalis* e da versão siríaca pela variante "pisar nossos solos", buscando reconstruir um suposto paralelismo com "nossa terra".
[5] Nesse caso, o texto foi corrigido a partir da LXX favorecendo o paralelismo. A lição do texto massorético "em suas portas", deve refletir uma troca de letras.

v. 13 Arrancarei as *asherim* do teu meio e exterminarei tuas cidades.
v. 14 Farei vingança com ira e com cólera contra a nações que não ouviram!

3 Contexto literário de Mq 1–5

Para compreender a colocação literária de Mq 5,4-14, passamos a desenvolver uma visão geral sobre a disposição do conteúdo inicial da obra. Os capítulos iniciais do livro (Mq 1–3) devem remontar ao profeta do séc. VIII a.C., e apresentam fortes críticas às questões sociais, com ameaças e condenações, em primeiro lugar às elites políticas e religiosas (cap. 1) e, então, em defesa da liberdade e do campo (cap. 2–3). Miquéias denuncia o extermínio dos agricultores pelo sistema de endividamento e os trabalhos forçados que sustentam as obras feitas pelo estado em Israel. O pecado dos chefes não passará impune, porque Deus não está alheio ao que acontece com o seu povo. Aliás, o próprio Senhor coloca-se como testemunha contra estes homens, porque "o Senhor saiu de seu santo Templo! Porque eis que Yhwh sai de seu lugar santo, ele desce e pisa sobre os cumes da terra. Debaixo dele os montes se derretem e os vales se desfazem" (Mq 1,2-3).

Chegamos então no capítulo 4, que balanceia o tom áspero das condenações com pequenos sinais de esperança, trazendo temas tipicamente pós-exílicos. Contudo, a esperança que ganha sabor messiânico e que reúne as nações não é cega. Se Deus saiu do seu lugar para testemunhar contra as injustiças, então um processo legal foi iniciado e o castigo é iminente. O resultado primeiro da teofania é a instauração de um reino de justiça e esse processo é muito bem ilustrado nos caps. 4 e 5, que mostram a superação do castigo irrevogável àqueles que oprimem os que estão em condições degradantes em Israel. Segundo Alonso Schökel e Sicre Díaz (1980, p. 1038), esses dois capítulos mostram que a superação do castigo será no futuro, não agora (4,1-14); que não vem de Jerusalém (4,8), mas de Belém (5,1-3); que não é cruel, mas benéfica a todos (5,4-8); e que requer uma purificação (5,9-14).

4 Estruturas retóricas em Miquéias

A literatura especializada tem reconhecido o livro de Miquéias como uma construção bem arranjada, que compõe sua estrutura retórica a partir da interpolação entre castigo e esperança. Para caracterizar a organização da obra, citamos aqui algumas leituras. Marks (1997, p. 227) propõe que os caps 3–5 são conectados a partir de uma interpretação global do livro a partir de unidades literárias introduzidas pela ordem de ouvir ("Ouvi, povos todos", 1,2; "Ouvi agora, chefes de Jacó", 3,1; "Ouvi agora", 6,1) e desenvolvidas a partir de oráculos de julgamento seguidos por oráculos de salvação. Por sua vez, Lago (2001) compreende duas seções de ataques e acusações (A e A^1) intercaladas com conclusões de esperança (B e B^1), no seguinte formato:

> A Processo e sentença contra Jerusalém, a cidade da injustiça (1,2–3,7)
> B A periferia está grávida de esperança e revolta (3,8–5,14)
> A^1 Processo e sentença contra Jerusalém, a insaciável (6,1–7,6)
> B^1 A revolta jogará Jerusalém na lama (7,7-10.14-17) (LAGO, 2001, p. 24);

Segundo o autor, A e A[1] são introduzidos por uma convocação de julgamento e instauração de um processo, enquanto B e B[1] seriam iniciados por um "mas eu" enfático, construindo a contraposição entre os blocos literários (LAGO, 2001, p. 25). Outros pesquisadores utilizam a mesma lógica de interpolação entre anúncios de punição e salvação como um critério para a divisão da obra, revelando assim sua compreensão sobre a natureza antitética do conteúdo. Macchi (2015, p. 519) compreende o livro a partir de três seções de tamanho semelhante: Mq 1–3 como oráculos de julgamento, Mq 4–5 como oráculos de salvação para Jerusalém, e Mq 6–7 como parábolas de julgamento e liturgia de salvação. Zenger (2003, p. 507-508) reconhece quatro seções: anúncio de desgraça (1,2–3,12), anúncio de salvação (4,1–5,14), anúncio de desgraça (6,1–7,7) e anúncio de salvação (7,8-20). Muitos outros exemplos similares seriam possíveis.

Baseando-se nesse panorama, partimos do pressuposto que a estrutura retórica do livro conjuga em seções harmônicas a condenação e a salvação. A técnica é um recurso típico dos chamados profetas menores, mas em Miqueias ganha uma nuance característica. Marks (1997, p. 227) defende que há um padrão de reversão brusca entre oráculos de condenação e salvação no livro de Miqueias, reproduzindo um modelo semelhante ao usado na primeira parte de Isaías[6]. Historicamente, essas reversões podem ser fruto das releituras positivas sobre Jerusalém no período pós-exílico, antitéticas à postura condenatória do profeta no séc. VIII a.C.

Mas, sobretudo, é necessário ressaltar que a redação final do texto não se preocupou em atenuar as transições. Não há dúvidas que o processo de releituras e superposição de textos de diferentes períodos causa estranheza: forma um texto híbrido e contraditório, que conjuga elementos discordantes não harmonizados. Qual é o efeito que essas opções estilísticas produzem no leitor? Segundo Marks (1997, p. 227), há duas principais incidências: (a) *literariamente*, constroem a imagem de um paradoxo psicológico de poder em meio à fraqueza e da ansiedade como princípio de força; (b) *teologicamente*, indicam a liberdade absoluta de Yhwh. Para o autor, esse recurso literário constrói uma imagem polifônica[7] com grande impacto estético que, em última instância, valorizando a "rudeza" do texto ou seus adornos exagerados, é o reflexo ou o modelo da imagem do Israel divino. Discutiremos adiante, na análise exegética-teológica do texto, como a mesma lógica pode ser aplicada à perícope analisada por este artigo.

À luz dos modelos de organização de Miquéias já apresentados, a profecia de Mq 5,4-14 integra um bloco literário com anúncios de salvação que compreende os capítulos 4 e 5. Essa seção dá voz a diferentes grupos e teologias, como se nota nas posturas contraditórias do texto: a contraposição entre o último dia e o agora, o lugar de onde sairia a salvação (Jerusalém ou Belém) e o conteúdo da salvação (militar ou pacífico) (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DÍAZ, 1980, p. 1037). Cabe agora discutir o arranjo retórico de Mq 4–5 e como sua elaboração formal ajuda a harmonizar as antíteses de seu conteúdo.

6 Marks (1997, p. 227) reconheceu também no capítulo 2 de Isaías marcas estilísticas e temáticas que aproximam o oráculo de triunfo escatológico de Is 2,2-4 a profecia de exaltação de Sião de Mq 4,1, o que consolida a ideia de uma história comum de redação para os textos.

7 Analisando textos presentes nos três primeiros capítulos de Miquéias, Hahn (2002, p. 97) também aponta para recursos estilísticos que valorizam a pluralidade. O autor valoriza o uso de diferentes vozes na narração como um acolhimento de experiências plurais que estariam presentes nas fases de transmissão oral do livro. Essas diferentes vivências e concepções ressoariam nos textos de Mq 1–3 conjugadas na figura do "meu povo", apontando para a profecia de Miqueias não como fala individual, mas como voz plural.

Zenger (2003, p. 508) apresenta uma estrutura concêntrica dos caps. 4 e 5 no formato ABCDC'B'D', representado a seguir. O modelo coloca em paralelo os temas da destruição das armas (AA'), a salvação (BB') e a libertação do império opressor (CC'), de forma que o texto central (D) seja a promessa messiânica ligada a Belém, que se estende para todas as nações (Mq 4,14–5,3). O texto de Mq 5,4-14 funciona, então, como o desdobramento da era messiânica espelhando e ampliando as promessas a Sião anunciadas em Mq 4,1-13. O modelo é representado a seguir (ZENGER, 2003, p. 508, grifo do autor):

A 4,1-5: peregrinação dos povos a Sião e destruição das armas
B 4,6-8: salvação para o resto
C 4,9-13: libertação da "Babilônia"
D 4,14–5,3: anúncio da era messiânica
C' 5,4-5: libertação da "Assíria"
B' 5,6-8: o "resto" salvo e a nações
A' 5,9-14: eliminação de todas as armas e ídolos

Outra posição ajuda a compreender como materiais aparentemente contrastantes foram arranjados na estrutura retórica desses dois capítulos. A. Woude (1969, p. 244-260) propôs que Mq 4–5 retratariam um diálogo entre Miquéias e os falsos profetas condenados em 3,5-8, ainda que isso não seja explicitamente indicado no texto por marcas formais. Os profetas intercalariam suas falas com Miquéias, formando uma discussão teológica, cada qual com um ponto de vista sobre a monarquia e o messianismo, e defendendo a ideia de salvação que traziam.

Tal modelo não consegue explicar por que a redação final não insere algum indicativo de discurso direto para diferenciar as diferentes vozes no texto, quando claramente o faz em outros momentos do texto (cf. Mq 2,4; 3,5; 4,2; 6,5; 6,9). Contudo, o trabalho de Alonso Schökel e Sicre Díaz (1980, p. 1037) identificou algumas marcas formais no texto hebraico inseridas para mostrar como há uma cadência nas falas que convida o leitor a descobrir um diálogo ou uma discussão entre Miquéias e os falsos profetas, como segue abaixo, de maneira ampliada:

Nos últimos dias (4,1)
Naquele dia (4,6)
E tu: 4,8
- agora: 4,9.10.11.14
E tu: 5,1
- será/acontecerá: 5,4.6.7.9
Naquele dia (4,9)
- aniquilarei: 5,9.10.11.12

A partir desse modelo, podemos traçar a lógica dada pelo redator final a Mq 4–5. A seção é aberta com a grande promessa de que a casa de Yhwh será colocada no cume das montanhas e os povos se reunirão diante dele, no reino futuro em Sião, nos últimos dias (4,1-5). Porém, o que acontece então? O autor acentua que naquele dia Israel triunfará sobre o Monte Sião. A vitória de Deus se manifesta na vitória do povo israelita (4,6). A fala é então dirigia a Jerusalém (4,8), para mostrar como esse futuro glorioso ilumina a leitura do presente, com as quatro afirmações que valorizam o "agora" (4,9-14). O

interlocutor passa a ser Belém de Éfrata, representando em sua pequenez a totalidade de Israel no plano salvífico de Deus, que também recebe uma promessa do levantamento de Deus diante de toda a terra (5,1-3). A visão do profeta então se lança para o futuro com os quatro "será/acontecerá", identificando o ideal de vida desejado para o povo que é governado por Deus (5,4-9). Também no discurso a Belém, mostra-se que "naquele dia" (5,9) a vitória do novo governante será absoluta e despojará dos ideais do povo o militarismo como meio privilegiado de salvação: Deus destruirá todos os adversários (5,9-13), Israel se alicerçará em sua fé (5,12) e ninguém resistirá a este novo modelo (5,14).

5 Leitura exegético-teológica

5.1 Um Messias da paz (v. 4a)

O texto mais conhecido de todo o livro de Miquéias precede imediatamente o texto que estamos analisando. Mq 5,1-3 apresenta a promessa messiânica em Belém, com um tom marcadamente anti-imperialista. Virá um salvador da cidade de Davi, mas que não é chamado "rei", e sim, um "governante", que é descrito como um pastor junto ao seu rebanho.

A partir daí, a profecia começa a descrever o que ele é capaz de fazer para o povo. O primeiro traço: "E será este paz!" (5,4). Esta pequena frase apresenta muitos problemas para os tradutores. Há diferentes opções de interpretação, todas corretas: (a) "E este/ele será/trará a paz"; (b) "E esta deve ser a salvação contra a Assíria"; (d) "A paz virá assim". Ainda há outras variantes. Há dificuldades para interpretar se o pronome demonstrativo "este(a)" se refere à paz ou ao Messias de Belém. Na primeira opção, enquadra-se Cathcart, que traduz: "E esta será a proteção do Assírio: se ele vier para nossa terra..." (CATHCART, 1978, p. 39). Aqui, a paz é entendida como "proteção" e o demonstrativo refere-se a ela, preparando a afirmação que os assírios não invadirão a terra e não pisarão no território dos israelitas (5,4.5). O autor estabelece um paralelo entre esses versos e um antigo encantamento fenício. Nele, o feiticeiro conjura demônios para que não entrem na casa da corte, ameaçando-os com a proclamação que fez pactos com vários deuses e está protegido pelo juramento de Hóron, entre outros deuses, além de suas sete concubinas e oito esposas de Ba'al Qudš (CATHCART, 1978, p. 44-45).

O antecedente que o demonstrativo sugere também pode perfeitamente ser encontrado na unidade anterior (5,1-3), como preferimos em nossa tradução: tratar-se-ia do efeito do estabelecimento de um novo governante vindo de Belém e da promessa de segurança para Israel (JACOBS, 2001, p. 154). Nesse caso, o Messias não só trará a paz, mas também se confundirá com ela. Esta é uma concepção antiga para Israel: "Yhwh é paz!" (Jz 6,24). A concepção dessa paz no mundo hebraico não se refere somente à ausência de conflitos militares. Em sentido último, indica a restituição da relação dos homens consigo mesmos, com as coisas criadas, com os outros e com Deus. É nesse sentido que considera necessariamente a dimensão militar, como veremos adiante.

Miquéias apresenta um novo modelo de governante. Diante de uma monarquia falida eticamente e que tratava de maneira agressiva e exploradora os agricultores e trabalhadores simples, é preciso buscar a paz. Ela não seria construída simplesmente quando o trabalhador deixasse de ser escravizado, mas quando fossem restituídas as bases éticas e morais daquela sociedade, quando voltassem seu coração para Yhwh e descobrissem nele a fonte de justiça social para todos. Nos profetas, paz é consistentemente associada com

justiça em um nível tal que se tornam termos quase sinônimos, de forma que, sem a proteção do pobre, somente pode haver uma falsa paz (ALFARO, 1989, p. 58). Isaías afirma que "a paz é fruto da justiça" (Is 32,17). Por isso, tal caminho não é alcançado instantaneamente ou sem conflitos. Exige a transformação das camadas sociais que imperavam, cristalizadas, contra os desprivilegiados. Também passa pela liberdade da terra dominada por estrangeiros e por uma compreensão teológica da iminente invasão por outros povos.

5.2 A força do novo rebanho do Senhor: vitória contra a Assíria (vv. 4b-5)

Como viver a paz diante da constante ameaça de invasão estrangeira? O texto de 5,4b-5 desenvolve este tema a partir da ótica popular. Já vimos que o Messias não é caracterizado como "rei". Esta visão anti-imperialista também favorece o desenvolvimento de uma mobilização popular para garantir a paz. As profecias messiânicas não são magia; envolvem a participação do povo para defender os valores profundos da cultura e religião de Israel, o qual já havia vivido à sombra de Teglat-Falasar III e Senaquerib. Por isso, a profecia cita a Assíria, que representa todo e qualquer império opressor que se levante contra o povo de Deus (ZABATIERO, 1996, p. 104).

Para combater a Assíria, o povo humilhado de Judá é contemplado: são vários libertadores, contabilizados como "sete pastores, oito chefes de homens" (v. 4), levantados pelo próprio povo. O significado desses números não é discutido. Uma boa síntese das interpretações a respeito dos sete e oito é apresentada por Jenson (2008, p. 160): (a) quantificam os aliados ou vassalos de Israel; (b) é uma citação de um canto de guerra nacional, o qual Miquéias recusa-se a aplicar ao rei que virá; (c) é uma representação matemática que indica quão suficiente e adequada é a liderança do novo líder; (d) referem-se aos príncipes e governantes israelitas, chefes tribais ou de clãs.

Cathcart (1978, p. 45) identificou que a sequência 7/8 está nos encantamentos fenícios e aramaicos, também presente nos textos mágicos ugaríticos e cananeus. O autor afirma que, para o escritor da profecia de Miquéias, há um claro aspecto "mágico" para a gradação numérica 7/8. Porém, a única outra ocorrência destes dois números em binômio na Bíblia está em Ecl 11,2, no qual um homem é aconselhado a proteger-se da desgraça sobre a terra repartindo um pão com "sete e mesmo com oito", construção que encontra um paralelo particularmente interessante na literatura ugarítica (CATHCART, 1968, p. 513). Cathcart (1978, p. 45) também assimila a conquista pela espada como uma característica mágica dos povos antigos, citando uma série de encantamentos aramaicos que envolvem a dominação física pela espada, laço e arco. Para o pesquisador, o fato de que sete pastores e oito chefes dos homens dominarão os assírios pela espada significa que o mal planejado pelos assírios será enviado de volta sobre eles, como se as bênçãos de um povo fossem um escudo, cancelando as maldições contra eles e enviando-as novamente aos seus inimigos.

A construção da paz passa pela ação dos pastores e príncipes dos homens. O cap. 3 de Miquéias também fala dos "chefes de Jacó" (3,1), "chefes da casa de Jacó" (3,9) e "seus chefes" (3.11), mas em tom de reprovação. Eles são condenados sem palavras sutis por sujeitarem os israelitas a trabalhos forçados nas obras estatais: "Por acaso não cabe a vós conhecer o direito, a vós que odiais o bem e amais o mal, que lhes arrancais a pele, e a carne dos seus ossos?" (3,2), "vós que execrais a justiça, que torceis o que é direito, vós que edificais Sião com o sangue e Jerusalém com injustiça" (3,9-10). Aqueles que

deveriam ser um modelo de administração justa, porque estão afiançados no direito divino, são os grandes culpados pela desgraça de Jerusalém.

Por isso, no novo rebanho de Yhwh, outros chefes dos homens são levantados e esses são vencedores. É uma promessa de consolação que encoraja o povo a lidar com a difícil situação em que se encontram e funciona como uma resposta teológica a uma questão humana. O que acontecerá com a Assíria? Como lidar com a dominação estrangeira? A resposta profética de Miquéias não é uma promessa alienante. O libertador não virá do céu agindo contra os inimigos sem participação humana. Ele empodera o povo para que se organizem em uma nova política, encontrem êxito em suas lutas cotidianas e sejam vitoriosos contra aqueles que só querem fazer o mal. A restauração de Jerusalém não é um simples espelho de sua existência pré-exílica, acostumada a ser continuamente assaltada por nações mais poderosas, porque desenha uma nova ordem social e econômica, contemplando as necessidades de toda a população, "respeitada a memória teológica popular – portadora do projeto libertador de Javé, inaugurado com o êxodo dos hebreus" (ZABATIERO, 1996, p. 105). Todos são vitoriosos!

5.3 O "resto de Israel": orvalho e leão (vv. 6-8)

No capítulo 4, após a promessa do reino futuro em Sião, que aconteceria com a reunião de todos os que estavam dispersos, o profeta começa a falar com Jerusalém de maneira direta: "E *tu*, Torre do Rebanho". Como já indicamos, esta seção é seguida por três "agora" (vv. 9.11.14). A nova seção que se inicia no capítulo 5 muda o interlocutor: "E tu, Belém de Éfrata", com promessas de libertação e da vitória de um novo pastor vindo da cidade de Davi. O profeta, que já olhou para a realidade concreta de sofrimento e dominação do povo e vislumbrou um panorama ético para o presente, volta então seu olhar para o futuro, mostrando as consequências últimas desse novo governante. Trata-se dos três "E será/acontecerá que...". Os vv. 4b-5 mostraram que a Judá humilhada seria vitoriosa diante dos que queriam o mal. Agora, qual seria sua relação com as outras nações?

A resposta vem a partir de duas comparações, que começam de forma idêntica: "O resto de Jacó será, no meio de muitos povos..." (vv. 6.7). O termo "resto" aparece em 2,12 e 4,7 mas não para designar os reminiscentes de guerra que sobreviveram à destruição geral, como se fossem a única garantia de continuidade de um povo que lamenta por seu estado lastimável. A promessa de restauração divina consolidando a expressão "o resto" designando aqueles que foram escolhidos por Deus e salvos por ele (cf. Jr 23,3; Is 46,3) (ZABATIERO, 1996, p. 107), separados para dar origem a uma nova Jerusalém. O adjetivo que carregam, "de Jacó", é único. Segundo Wolff (1990, p. 155), pode ser uma alusão bem intencional aos patriarcas como recipientes das bênçãos prometidas. Também na bênção de Jacó, Judá é comparada com um leão em sua relação com as nações (Gn 49,9).

Caracterizados os agentes, eles são colocados "no meio de numerosos povos": o pequeno povo que sobreviveu à tomada do grande império continua em situação desfavorável diante de outras nações com capacidades infinitamente maiores que a dos judeus. Mas já foi dito que seriam vitoriosos contra os povos inimigos e as duas comparações oferecidas por Miquéias servem para confirmar esta ideia:

a) *Orvalho e chuvisco:* geralmente se refere à chuva leve ou a garoa do meio de outubro ao começo de novembro que prepara a terra para a lavoura e a plantação (JENSON, 2008, p. 161). Ou seja, não se trata de um povo infértil e arrasado, mas de uma nação que ainda é capaz de produzir frutos. O resto de Jacó só

sobreviveu pela direção divina, por isso, "não espera no homem e não aguarda ninguém". Portanto, crescerá e dará frutos, porque é o próprio Deus é sua garantia;

b) *Animais da floresta:* a outra comparação apresenta um olhar cheio de fé sobre a condição de Judá. Aparentemente está desintegrado, frágil e sem esperança de sobrevivência. Contudo, "como povo de Javé, resto de *Jacó*, esta comunidade tem que perceber sua grandeza e agir à altura" (ZABATIERO, 1996, p. 107). Devem agir como o leão adulto, que reina sobre todos os animais e com o apetite de um filhote leão no meio de ovelhas: diante deste novo Israel, as outras nações são fracas (JANSON, 2008, p. 162).

As duas comparações mostram que o resto de Jacó poderia ser uma bênção para as nações que decidissem por Yhwh, mas também uma maldição para aquelas que seguissem fazendo o mal. Mas também, segundo Wolff (1990, p. 157), as comparações primeiro referem-se aos amigos de Israel e então, voltam-se aos inimigos. De qualquer forma, manifestam a certeza da salvação dos israelitas e também indicam, por sua forma literária, sinais de uso litúrgico, especialmente pela exortação final: "Que tua mão se levante contra teus adversários e que sejam aniquilados todos os teus inimigos!" (v. 8) (ZABATIERO, 1996, p. 106; WOLFF, 1990, p. 152; ALFARO, 1989, p. 59).

O desejo do povo humilhado também era por vingança. "O leão, como um predador, se transformou agora na imagem do 'remanescente' que se vinga do inimigo, uma indicação enfatizada pelo v. 8" (LABERGE, 2007, p. 518). Hillers (1984, p. 69) ensina que, considerando que Miquéias estava associado com um movimento de revitalização e protesto, este "sonho imperial" bastante mundano formaria parte de uma visão sobre os bons tempos que chegariam, uma restauração de condições já destruídas pelos assírios. Elementos dessa visão persistem em períodos posteriores da história de Israel, já que os dramas e conflitos humanos persistem e contrastam continuamente com expectativas salvíficas idealizadas (MACCHI, 2015, p. 525). É nesse sentido que esses textos fomentam um panorama teológico no qual a violência é permitida e defendida.

5.4 O fim do militarismo e o retorno ao Senhor (vv. 9-14)

A porção final do texto que estudamos aqui é ligada com as predições anteriores pela expressão "naquele dia" (4,6; 5,9). Este fechamento ajuda ampliar o significado delas a partir de um vocabulário tipo de aliança. Nos vv. 9-14, há quatro ocorrências de "aniquilarei", acompanhada de outras ações de Yhwh: "derrubarei", "arrancarei do teu meio", "exterminarei", "farei vingança". Este é o núcleo fundamental da defesa da fé javista, a marca da presença deuteronomista nos textos proféticos, que dá sentido a todos os acontecimentos. A destruição que é iminente no pré-exílio e que é contemplada no pós-exílio só tem sentido se vista sob o afastamento dos homens de Deus. Aqui, os temas sociais dos primeiros capítulos de Miquéias já não mais aparecem, mas um novo dado social é inserido: o fim do militarismo. Se os filhos de Jacó seriam fortes para dominar todos os povos, esta última seção mostra que a força é toda de Deus e que ele é o único que pode consolidar a vingança contra os que não o obedecem.

Os vv. 9 e 10 mostram o fim do militarismo. Em tom escatológico, o profeta anuncia o fim dos cavalos e carros de guerra, chegando também nas cidades fortificadas. Essa também é a denúncia de Isaías: "Ai dos que descem ao Egito, à busca do socorro. Procuram apoiar-se em cavalos, põem a sua confiança nos carros, porque são muitos, e nos

cavaleiros, porque são de grande força, mas não voltam os olhares para o Santo de Israel, não buscam Yhwh" (Is 31,1). Aqui está o estabelecimento da paz por completo, quando as sociedades deixam-se guiar pela justiça de Deus e, então, permitem que a obediência seja o grande critério de existência. A existência só ganha dignidade quando é conduzida pela justiça que estabelece o direito de Deus que, se estabelecida, renuncia ao militarismo.

É nessa perspectiva que os vv. 11-13 apresentam a condenação dos rituais mágicos e deuses pagãos. A libertação da comunidade acontecerá com sua própria purificação, já que as práticas religiosas distantes da fé javista representavam uma religião acomodada aos interesses políticos e religiosos dos reis, e não do povo (FARIA, 2018, p. 54). Por isso, são condenados os adivinhos, as *asherim* – símbolos de madeira feitos para o culto de Asherá, uma deusa cananeia (HILLERS, 1984, p. 73) – e os monumentos de pedra, que eram usadas de diversas formas no antigo Israel. Por isso, com o fim da falsa segurança construída pelo poder militar ou pelos ritos pagãos, as condenações são concluídas em forma de promessa: "não te prostrará mais diante da obra de tuas mãos" (v. 12).

Em última instância, a profecia defende a restituição da fé de Israel, que implica a justiça social e o cuidado com os que mais sofrem. Nessa mesma linha está Isaías, tão próximo de Miquéias, quando apresenta o Príncipe da Paz:

> "Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça. Desde agora e para sempre, o amor ciumento de Yhwh dos Exércitos fará isto" (Is 9,5-6).

O Deus ciumento implica a eliminação de tudo o que não seja conforme a ele, que não esteja de acordo com o direito e a justiça. Se esses dois elementos não estão presentes, Deus se mostra implacável. Nesta visão escatológica, não há espaço para o mal, a existência só pode ser construída alicerçada na justiça e no direito. Por isso, limitado em uma experiência de Deus que também açabarca a vingança e o juízo castigador e motivado pelo grande sofrimento e crise ética e moral de Israel, o livro de Miquéias apresenta a grande condenação de Deus àqueles que não aceitam sua proposta: "Com ira e com furor tomarei vingança das nações que não obedeceram!" (v. 14).

Também a promessa messiânica de Zacarias (Zc 9,9-10), que fala de um rei humilde, montado em um jumento, garante a absoluta eliminação dos conflitos: "Ele anunciará a paz às nações" (Zc 9,10). Contudo, a seção imediatamente anterior (Zc 9,1-8) apresenta uma nova terra, construída a partir da destruição das nações que não obedecem ao direito divino: "Tiro construiu para si uma fortaleza e amontoou prata como pó e ouro como lama das ruas. Eis que o Senhor se apoderará dela, precipitará no mar a sua força, e ela será devorada pelo fogo" (Zc 9,4). A ira e a cólera divina são despertadas pela injustiça.

A eliminação das seguranças colocadas na força de guerra e em uma religião adulterada e a serviço dos interesses reais é paradoxalmente apresentada como um oráculo de salvação (SCALABRINI, 2019, p. 284), o que é bem identificado a partir de marcas formais. Há uma "uma adaptação de ditos sacerdotais de excomunhão (comp. Lv 20,3-6; Ez 14,8s), e seu formato redacional lhe dá uma tonalidade de oráculo de salvação" (ZABATIERO, 1996, p. 106). Segundo Wolff (1990, p. 153), a análise da história da forma indica que a fórmula de excomunhão "e eu aniquilarei" pode ser rastreada por meio de Ez 14,8-9 até o Código de Santidade (Lv 17,10; 20,3.5.6). A fórmula também ocorre no passivo

(Lv 7,20ss; 20,18). Aqui nós encontramos uma máxima sacral-legal usada em conexão com pessoas que, tendo cometido crimes sérios, são excomungadas da assembleia de adoração para que sua comunhão com Yhwh não corra riscos, garantindo a vida da comunidade (WOLFF, 1990, p. 153).

Estes tipos de construções frequentemente aparecem nos textos proféticos (HILLERS, 1984, p. 72): oito vezes "eu destruirei" em Jr 51,20-24; "Ele eliminará os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém; o arco de guerra será eliminado" em Zc 9,10; "Exterminarei o juiz de seu meio, e com ele matarei todos os seus príncipes" em Am 2,3; "aniquilarei os homens da face da terra" em Sf 1,3. Contudo, no conjunto de Miquéias, as fórmulas de excomunhão presentes nos vv. 9-14 se distinguem das anteriores porque (WOLFF, 1990, p. 153): (a) não são pessoas, mas coisas que são entregues à destruição; (b) os ditos de excomunhão são formulados diretamente, na segunda pessoa do singular, mas sem uma identificação precisa do interlocutor; (c) as séries de quatro ditos de excomunhão são unidas pela conclusão no v. 12b.

Esses recursos literários de Miqueias mostram como o livro resgata e dá um novo significado às formas proféticas correntes no tempo de sua redação final. Andiñach (2015) nota a intertextualidade existente entre os vv. 9-15 e Is 2,6-9 e os pontos próprios de Miquéias. Para o autor, há uma profunda releitura: enquanto o oráculo de Isaías apresenta um julgamento e punição de Jacó, eles se transformam em uma palavra de esperança para o povo fiel em Miqueias: "Quando a idolatria se transformou em algo endêmico, contra o qual já parece não haver remédio, o profeta diz que Deus destruirá qualquer sinal de poder violento e os vestígios de idolatria nas cidades" (ANDIÑACH, 2015, p. 322).

6 Considerações finais: diferentes vozes sobre guerra e paz

Nossa última discussão é colocada a título de considerações finais. Em primeiro lugar, este estudo demonstrou como o livro de Miquéias é um texto de diversidades, que acolhe e busca harmonizar, de uma forma ou de outra, muitas vozes. A obra apresenta gêneros literários dos mais diversos, que circulam em esferas literárias de esperança e otimismo, mas também das mais agudas condenações de injustiças sociais (MACCHI, 2015, p. 519).

Historicamente, essa polifonia pode ser bem explicada. A redação final do texto provavelmente é tarefa de um grupo de estudiosos judeus, escribas, que faziam parte da administração da reconstrução de Judá. "Seus interesses sociopolíticos eram legitimar e fortalecer o aparelho de governo e seu aliado religioso e não podiam assumir como próprios os interesses antiurbanos do profeta camponês cujos ditos preservavam" (PIXLEY, 2000, p. 207). Esse grupo não pensa mais na iminência da destruição, que já aconteceu com o exílio da Babilônia, portanto, os tempos são de esperança. Lago (2001, p. 33) defende que que o castigo ameaçador foi transportado para o passado – a conquista assírio-babilônica – e o retorno do exílio entrou na ótica do perdão, de forma que, para o controle identitário de Judá, seria melhor converter Miquéias em um profeta de profissão e defensor dos perdoados.

Contudo, nosso estudo salientou que não foram subtraídos da profecia de Mq 5,4-14 os conflitos de seu tempo. A retórica da forma final do livro de Miquéias é poderosa. Valoriza a polifonia. Não harmoniza forçosamente os textos. A partir dos estudos literários, demonstramos as contradições e a coerência do texto na seção de Mq 4–5. Discutimos a hipótese de esses capítulos representarem um diálogo entre Miquéias e os falsos profetas,

porém, sem um discurso direto. A ausência de marcas formais não deixa de ser significativa: as vozes discordantes estão engendradas na sociedade judaíta que organiza o livro e as diferentes visões sobre o Messias, a guerra e o militarismo se misturam no texto, como uma mimese da realidade sociopolítica, filosófica e teológica jerosolimita no pós-exílio. As opções estilísticas que configuram a estrutura retórica do texto representam as diferentes vozes que estão no interior do ser humano. Retratam uma sociedade dividida, saindo de um período de profunda crise cultural, política, econômica e religiosa. A Jerusalém em reconstrução está em busca de sua nova identidade nacional, responsável por construir um novo modelo de vida, e o caminho para tanto é a busca pela unidade. Sem dúvida, trata-se de um período de profundos conflitos ideológicos e teológicos e de tentativa de legitimação do grupo sacerdotal sadoquita no poder. Contudo, a vozes discordantes não podem ser completamente abafadas, sob risco de pulverizar a reorganização de um Israel unido.

Sendo assim, há uma busca por essa certa harmonia no arranjo final de Mq 5,4-14. A estrutura concêntrica proposta por Zenger valorizou a promessa de um Messias de Belém (Mq 5,1-3) como centro literário dos caps. 4 e 5. O redator final do livro sonha com um novo futuro, no qual a paz impera. A profecia de Mq 5,4-14 apresenta a extensão da atuação do Messias e como ela é capaz de transformar a sociedade desde dentro. Em primeiro lugar, dando ao povo a noção da força que tem, ainda que sua aparência seja débil e que sua posição diante das nações seja humilhante. São o "resto de Jacó" escolhido e guiado por Deus, de forma que ninguém pode derrotá-los. Mais do que isso, o povo de Israel é chamado a ser como uma "luz das nações", colocado no meio dos povos como sinal divino.

Porém, essa força não vem do poder militar ou de um culto acomodado aos interesses políticos. A certeza do estabelecimento da paz reside na transformação da realidade concreta do povo. É preciso viver a partir da justiça divina, que extermina a falsa certeza do militarismo e que pede uma estrutura religiosa ética. A paz não é a ausência da guerra, é muito mais. Implica a luta pela construção de novas relações. Por isso, o grande chamado para a fé em Deus presente no texto também impulsiona o leitor à sua responsabilidade pessoal na construção de um novo mundo. Assim, a paz se manifesta na relação do ser humano com as coisas criadas, consigo mesmo, com os outros, e com Deus. Essa é a leitura que o Novo Testamento fará deste texto de Miquéias. À luz dessa promessa, o NT acolhe Jesus como o Messias da justiça e da paz, nascido em Belém (Mt 2,6), que reconcilia as pessoas, judeus e gentios, entre si e com Deus: "Ele é nossa paz" (Ef 2,14).

Uma leitura que desconsidera a polifonia do texto e as tentativas de harmonização pode ser bastante perigosa. Deus parece mostrar-se favorável à guerra, um Deus de vingança, que castiga todas as nações que não o obedecem. Pode ser um fundamento para aqueles que defendem a guerra santa e que usam a Bíblia e o nome de Deus para justificar suas ações belicistas. À luz da mensagem de Jesus, a Palavra de Deus jamais pode ser instrumentalizada por governos ou movimentos para a guerra e a violência.

A reflexão e atualização de Miquéias é oportuna. O mundo está diante de novas guerras, onde estão sendo testadas armas com tecnologias avançadas e sofisticadas, e podemos estar diante do perigo de um conflito nuclear sem precedentes. As guerras trazem mortes, destruição, migrações forçadas, nas quais as populações mais pobres e vulneráveis são as mais atingidas. Daí a necessidade de uma nova ética global de solidariedade e cooperação. A paz será sempre fruto do diálogo, das mediações e das relações justas entre as nações. como bem alertou o Papa Francisco (2023): "Que as armas se calem, porque com as armas nunca se conseguirá a segurança e a estabilidade, pelo contrário, continuarão a destruir qualquer esperança de paz".

Referências

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DÍAZ, José. Luis. *Profetas*. Madrid: Cristiandad, 1980. v. 2.

ANDIÑACH, Pablo R. *Introdução hermenêutica ao Antigo Testamento.* São Leopoldo: EST, 2015.

BIBLIA Hebraica Stuttgartensia. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1990.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. A paz messiânica e o julgamento implacável de Deus. Miquéias 5,4-14. *In:* ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Miqueias:* memórias libertadoras de um líder camponês. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 112-135.

CATHCART, Kevin J. Micah 5,4-5 and Semitic incantations. *Biblica,* Roma, v. 59, p. 38-48, 1978.

CATHCART, Kevin J. Notes on Micah 5,4-5. *Biblica,* Roma, v. 49, p. 511-514, 1968.

FARIA, Jacir de Freitas. *Profetas e profetisas na Bíblia:* história e teologia profética na denúncia, solução, esperança, perdão e nova aliança. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO. Com as armas destrói-se qualquer esperança de paz. *L'Osservatore Romano,* Cidade do Vaticano, 17 maio 2023. Disponível em: https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-05/por-020/com-as-armas-destroi-se-qualquer-esperanca-de-paz.html#:~:text=Com%20as%20armas%20destr%C3%B3i-se%20qualquer%20esperan%C3%A7a%20de%20paz,do%20Regina%20caeli%20de%20domingo%2014%20de%20maio. Acesso em: 27 maio 2023.

HAHN, Noli Bernardo. A profecia de Miquéias e "meu povo": memórias, vozes e experiências. *Estudos Bíblicos,* Petrópolis, v. 20, n. 73, p. 92–101, 2002. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/847. Acesso em: 10 mar. 2023.

HILLERS, Delbert R. *Micah:* A commentary on the Book of the Prophet Micah. Philadelphia, Fortress, 1984.

JACOBS, Mignon R. *The conceptual coherence of the Book of Micah.* Sheffield: Sheffield Academic, 2001.

JENSON, Philip Peter. *Obadiah, Jonah, Micah:* a theological commentary. New York: T & T Clark, 2008.

LABERGE, Léo. Miquéias. *In*: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo:* Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007. p. 511-522.

LAGO, Lorenzo. Miquéias: resistir ou perdoar? *Estudos Bíblicos,* Petrópolis, v. 19, n. 72, p. 21–34, 2001. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/851. Acesso em: 10 mar. 2023.

MACCHI, Jean-Daniel. Miquéias. *In:* RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs.). *Antigo Testamento:* história, escritura e teologia. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 519-526.

MARKS, Herbert. Os Doze Profetas. *In:* ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). *Guia literário da Bíblia.* São Paulo: Unesp, 1997. p. 223-250.

PIXLEY, Jorge. Miquéias o livro e Miqueias o profeta. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 35/36, p. 206-211, 2000.

SCALABRINI, Patrizio Rota. *Livros proféticos.* Petrópolis: Vozes, 2019.

WOLFF, Hans Walter. *Micah:* a commentary. Minneapolis: Augsburg, 1990.

WOUDE, A. S. van der. Micah in dispute with the Pseudo-Prophets. *Vetus Testamentum,* Leiden, v. 19, p. 244-260, 1969.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani. *Miquéias – voz dos sem-terra.* Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal.

ZENGER, Erich. O livro de Miquéias. *In*: ZENGER, Erich; BRAULIK, Georg; NIEHR, Herbert; STEINS, Georg; ENGEL, Helmut; SCHWIENHOST-SCHÖNBERGER, Ludger; SCHROER, Silvia; MARBÖCK, Johannes; JÜNGLING, Hans Wilfried; MEYER, Ivo; HOSSFELD Frank-Lothar. *Introdução ao Antigo Testamento.* São Paulo: Loyola, 2003. p. 505-512.